



# Biograph



---

## HISTÓRIAS SECRETAS E DIVERSIDADE DE GÊNERO NA ESCOLA

Samuel Rodrigues dos Santos  
Universidade Federal de Uberlândia  
samuelcim@gmail.com

Essa pesquisa é fruto de minha vivência em ambientes escolares, primeiramente como aluno e posteriormente como professor. Como aluno, sempre presenciei situações desagradáveis em que eu ou meus colegas éramos motivos de críticas negativas ou bullying por questões que envolviam a nossa sexualidade ou uma não conformidade com os padrões sociais aceitáveis para os papéis de gênero de homens ou mulheres. Até o período em que cursei o ensino médio não tinha consciência da gravidade do bullying contra os indivíduos *queers* – diferente dos demais na perspectiva de Judith Butler –, nem das consequências dessa atitude para aqueles que sofrem ou praticam o bullying.

Somente após cursar o curso de Letras Português/Inglês, comecei a entender que o *bullying* motivado pela homofobia se trata de um esquema institucional para coibir as sexualidades que quebram a expectativa social sexista. Com um pouco mais de senso crítico, neste momento atual de minha vida, posso refletir como algumas histórias vividas por mim não deveriam ter ocorrido por não se adequarem ao ideal de justiça social e o respeito pela diversidade humana.

A seguir, narro algumas histórias que exemplificam o *bullying* homofóbico que ocorre todos os dias em escolas do Brasil, e que motivam minha pesquisa. As narrativas são baseadas na realidade, no entanto, nomes de pessoas e lugares foram alterados para preservar as identidades dos envolvidos.

**Conselho de Classe, sábado, 19/05/2013,**

**VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica  
UFMT – Cuiabá – 17 a 20/07/2016  
Anais VII CIPA – ISSN 2178-0676**

assim, iniciava a pauta da supervisora pedagógica. Ela estava ansiosa para ouvir os comentários dos professores sobre os alunos do sexto ao nono ano, finalmente iria saber se suas medidas de trabalho em conjunto com os demais professores estavam fazendo efeito.

“Vamos começar com o sexto ano e seguir para as demais séries”, dizia a diretora.

“Posso começar?”, perguntou a professora de matemática, ciente de que o quanto antes começasse o quanto antes acabaria o conselho. Os conselhos anteriores eram sempre longos, pois os professores tratavam minuciosamente do desenvolvimento acadêmico de cada aluno.

“Rogério Mendes de Souza”, chamava a supervisora em voz bem audível, e discursavam os professores de todas as matérias sobre aquele aluno.

“Sara Cristina da Silva, Ana Maria Marques, Jaqueline Pedrosa de Moura”, e assim por diante.

Havia alguns alunos sobre os quais os professores decorriam por mais tempo, geralmente aqueles alunos que tinham problemas disciplinares que os professores julgavam necessário tratar.

Chegou a turma do sétimo ano, ao chamar o nome de “Felipe Silviano Andrade”, a diretora logo indagou ao grupo:

“Então, professores, ele melhorou?”.

“Parece que está melhorando sim. Ele já não quer mais pintar as unhas com canetinha rosa como antes”.

“É verdade, outro dia, vi ele correndo atrás da Cecília e da Rita. Já tem duas namoradinhas”.

“A mãe dele diz que ele sempre a ajuda no trabalho doméstico, e nunca reclama de ajudá-la”.

“Será que ainda dá para salvá-lo. Vamos criar uma força tarefa para salvá-lo”. Dizia a supervisora com um ar jocoso.

**Ele era um senhor muito distinto,**

**VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica**

**UFMT – Cuiabá – 17 a 20/07/2016**

**Anais VII CIPA – ISSN 2178-0676**

sua elegância podia ser percebida assim que ele entrasse em qualquer ambiente. Mas, essa elegância poderia passar despercebida se ele o quisesse. Vestia-se com decoro, sapatos de couro engraxados, parecia que eram engraxados uma vez por semana pelo menos, calças sociais de cores bem sóbrias, e camisa de botão, às vezes de manga comprida, às vezes de manga curta. Seu rosto mostrava que já tinha vivido muitas experiências, talvez qualquer um o desse uns 60 anos. Estava sempre de barba feita e cabelos meticulosamente penteados. Mais do que sua aparência elegante, chamava a atenção o que ele dizia.

No seu primeiro contato com aquela turma de vinte alunos do curso de Letras Português/Inglês, parecia que era apenas mais um professor que entrava na vida de seus alunos. A turma era composta na maioria por jovens que acabaram de completar a maior idade.

“Como vocês já devem saber, sou seu novo professor de Literatura Inglesa. Me chamo Pedro Borges e vou contar um pouquinho de minha história para vocês me conhecerem melhor...” E seguiu um histórico de sua experiência acadêmica, finalizou por explicar que pediu transferência de uma universidade federal no sul do país para uma no sudeste com o objetivo de ficar mais próximo de sua família.

Depois da aula, no corredor, só corriam elogios e alguns outros comentários:

“Vocês viram como ele sabia vários poemas de cor? Parecia que conhece livros e livros, tem uma biblioteca inteira na cabeça”.

“Engraçado um homem na idade dele que ainda não se casou”.

“Ele já deve ter uns sessenta anos, né”.

“Acho que ele é gay, tinha um jeito meio mole de conversar”.

Na próxima aula, os alunos foram convidados a irem a uma atividade extracurricular, se tratava de uma palestra que o professor Pedro daria sobre Pornografia e Arte.

Iniciou sua palestra com os seguintes dizeres: “A pornografia é uma forma de autoconhecimento. O que seria de nós sem a pornografia...”

Boa parte da plateia do professor Borges ficou ruborizada, alguns tantos nem mesmo esperaram os primeiros cinco minutos, se levantaram e saíram do anfiteatro. O

professor, acompanhava-os com o olhar até a saída, parecia surpreso que o tema não os tinha agradado muito. A palestra seguiu por mais ou menos duas horas. Houve um momento para perguntas no final, mas dos 15 alunos que sobraram um ou dois levantaram a mão para perguntar. Após responde-los, o professor deu a palestra por encerrada.

No outro dia, nos corredores, os alunos comentavam:

“Nunca vi um professor que tenha falado de pornografia como o professor Pedro falou na palestra dele”.

“Que absurdo, eu não consegui ficar na palestra de tanta vergonha. Aquelas ideias iam contra tudo aquilo que eu acredito sobre decoro cristão”.

“Esse professor é um libertino”.

“Vocês não sabem da maior. Eu fiquei amiga dele no facebook, e encontrei umas fotos muito suspeitas no seu perfil. Algumas fotos pareciam tiradas em uma chácara, só estava ele de mais velho e um monte de outros meninos, crianças ainda”.

“Ele é pedófilo”, concluiu uma das alunas logo que ouviu o comentário da amiga.

“Como assim? Que absurdo! Vou me tornar amigo dele no facebook, para ver isso”.

O boato espalhou e o departamento inteiro soube que o professor Pedro tinha fotos suspeitas no seu facebook.

Nas próximas aulas, ao entrar na sala o professor estava com um ar cansado, talvez preocupado:

“A cidade de vocês é extremamente homofóbica, é cada coisa que tenho ouvido. A mais nova é que inventaram por aí que sou pedófilo. Fui chamado pelo coordenador para explicar questões da minha vida pessoal. Como vou dar aulas desse jeito? Tenho que interromper meu trabalho para me defender contra boatos sem fundamento. Na outra universidade em que trabalhava, esse tipo de ideia nunca foi cogitada. Sempre me trataram com muito respeito. Talvez eu deva voltar para lá, pois afinal, eles me valorizam mais do que aqui. Ainda posso pedir para cancelarem a minha transferência e me aceitarem de volta, já que ainda não têm um professor substituto”.

Seguindo o discurso de indignação do professor Pedro, não passou muito tempo até que ele estivesse de volta à sua universidade anterior, longe da cidade onde ficou por pouco tempo.

O novo professor parecia ser muito mais agradável, era um homem sério, pais de três filhos e em um casamento estável com sua esposa.

Depois da primeira aula do novo professor de Literatura Inglesa, podia se ouvir nos corredores:

“Sinto faltas do antigo professor Pedro, ainda me impressiona a quantidade de poemas que ele sabia de cor”.

“Mas, vocês não se lembram como ele era polêmico. Falava cada barbaridade. Não acreditava em deus, era gay, libertino e ainda pedófilo”.

“Foi melhor que ele tivesse ido embora mesmo”.

“Algumas coisas acontecem para nosso bem”.

Daquele momento em diante, o ano seguiu mais tranquilamente, e os alunos se sentiram mais seguros com a ausência do professor controverso, pelo menos alguns deles.

### **O dia era de festa junina,**

os professores passaram a semana inteira trabalhando nos enfeites que seriam colocados ao longo de toda a escola. Cadeiras e mesas do tipo de restaurante eram postas em todo o pátio, elas formavam longas filas paralelas alinhadas para receber os convidados. Na outra extremidade, montavam o palco onde tocava a banda para alegrar o ambiente. Era um evento importante para a arrecadação de fundos para a escola, até a véspera do evento dezenas de ingressos foram vendidos.

Cada professor trabalharia na festa em diferentes funções, garçom, anfitrião, tesoureiro, chefe de cerimônia, fotógrafo entre outras. A professora responsável por fotografar o evento, estava preocupada em registrar todos os momentos daquela festa.

Assim que a festa começou, lá estava ela, percorrendo todos os ambientes. Na entrada, fotografava as pessoas que entravam com expressões de alegria e ansiedade para ver o que havia sido planejado para recebê-las. *Flash, flash, flash...* Pronto, aquele momento estava eternizado através de suas fotos. No mesmo instante, a banda começou a tocar,

tocavam forró e sertanejo universitário. A escola estava viva e pulsava com todas as conversas dos convidados e a música alta que tocava.

A professora fotógrafa também queria fotografar seus companheiros de trabalho que organizaram e faziam a festa acontecer. Ao encontrar os professores tesoureiros, foi logo dizendo:

“Sorriam, estou fazendo um concurso para ver quais os professores mais alegres dessa festa”.

“Somos nós, somos nós”. E abriam um grande sorriso.

*Flash, flah, flash...* e a fotógrafa se deslocava à procura por momentos para registrar.

Logo ali perto, estava uma outra professora ensaiando a dança dos alunos, eram crianças entre seus 7 e 10 anos, que linda foto seria essa. As crianças estavam em roda, cada uma com seu par, percorriam o espaço criando formas geométricas que a coreografia pedia. *Flash, flash, flash...* As fotos espontâneas são as melhores, pensou a fotógrafa.

Mais a frente, estava a professora recepcionista, a fotógrafa pediu que ela pousasse para uma foto, e como havia uma aluna adolescentes do seu lado pediu que elas se aproximassem um pouco mais para saírem juntas na foto. A professora que pousou para a foto estava muito bem arrumada, com uma flor vermelha que se destacava no cabelo, blusa branca de seda e saía rodada com estampas de flores. A aluna, sua companheira de foto, também tinha vestido sua melhor roupa, e se destacava com uma característica bem peculiar, pois até poucos meses atrás era andrógena na sua forma de vestir, no entanto, para aquela festa, assumiu sua identidade completamente feminina. Estava maquiada, com lápis preto desenhando seus olhos e batom vermelho preenchendo os lábios. Professora e aluna, surpresas com a chegada e pedido repentinos da fotógrafa, gentilmente atenderam ao pedido e se juntaram para a foto.

A festa seguiu, com música, danças *flashs* e mais *flashs* até o seu final. No dia seguinte, como era de costume, as fotos dos eventos escolares eram postadas na página do *facebook*, dessa maneira, ficaria mais fácil compartilhá-las com todos os pais, alunos, professores e convidados, além de servir de ótima publicidade para a escola. A professora fotógrafa estava satisfeita com seu trabalho, as fotos eram espontâneas e representavam a beleza diversa da festa.

Entretanto, a professora recepcionista não estava muito satisfeita com apenas uma de suas fotos e pediu para que fosse retirada do *facebook*. A professora explicou que as demais fotos estavam muito boas, mas aquela única foto que ela havia tirado com sua aluna que assumiu a identidade feminina naquela festa não estava boa. Várias pessoas já haviam começado a curtir e comentar a bendita foto, mas a fotógrafa percebeu que sua modelo tinha o direito de ser vista ou não naquela foto e terminou por retirar a foto, como solicitado.

## **OBJETIVOS**

- 1- Refletir sobre o desenvolvimento do meu conhecimento prático-profissional para abordar questões de gênero na escola.
- 2- Investigar as materializações da heteronormatividade no ambiente escolar.
- 3- Compor narrativas que problematizem a heteronormatividade no ambiente escolar.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Dentre os autores que fundamentarão essa pesquisa está Moita Lopes, que aponta que a escola é uma das instituições construtoras de nossa identidade, um dos ambientes onde temos contato com a sociedade ampla, sem a influência direta da família (2002, p. 16). Na escola, contatamos o diferente, e através dela aprendemos a lidar com ele de maneira positiva ou negativa. Temos aí, a origem de atitudes preconceituosas contra os LGBTQs, já que esses são diferentes na maneira de expressar sua sexualidade.

Judith Butler será outra teórica abordada nessa pesquisa. A autora é um nome corrente nos estudos da Teoria *Queer*. Ela aponta que há classes de seres humanos que são consideradas menores por não se conformarem com as normas sociais (2004, p. 14). Destacamos aqui a heteronormatividade, ou seja, a crença de que nascemos para nos envolvermos sexualmente com aqueles indivíduos que têm o sexo biológico diferente do nosso. Essa norma social justifica muitos comportamentos fóbicos contra LGBTQs.

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada será a pesquisa narrativa na perspectiva de Connelly e Clandinin. Segundo esses autores a pesquisa narrativa é útil como uma forma de autoconhecimento do trabalho desenvolvido pelos próprios pesquisadores. Valoriza a

experiência como importante fonte de conhecimentos práticos. Durante a pesquisa, irei compor textos de campo e analisá-los para relatar os sentidos derivados desses textos. Os textos de campo partirão de minhas vivências enquanto professor de inglês e aluno do ensino básico. O seguinte texto é um exemplo de um texto de campo de minha prática profissional:

### **Postei na minha página do *facebook***

um *selfie* daquele dia, explicando que em instantes estaria dando a minha primeira oficina sobre questões de gênero em um ambiente escolar. Naquele momento, queria sentir o apoio dos meus amigos ao desempenhar uma tarefa que para mim tinha muita importância, eu também sabia que seria uma tarefa delicada, visto que eu estava aberto para discutir um tema tabu, e os alunos teriam liberdade para dizer o que pensavam sobre o assunto. Será que eu conseguiria me sair bem? Será que os alunos entenderiam a proposta? E se algum aluno se ofendesse? E se os pais dos alunos viessem à escola reclamar de estarmos “subvertendo seus filhos” ao abordar questões tabus? Essas e outras preocupações me passavam pela cabeça.

Eu planejei a oficina e resolvi aplicá-la para saber como eu os alunos nos sairíamos, como um projeto piloto. Algumas ideias do Teatro do Oprimido foram usadas para me guiar na minha preparação. Usaria jogos teatrais para que os alunos expressassem suas opiniões através da linguagem corporal antes de abordar o assunto verbalmente.

A professora regente da turma de 16 adolescentes havia me convidado para dar essa oficina já que ela sabia que eu tinha estudado questões de gênero em uma pós-graduação. Ela começou a oficina me apresentando:

“Pessoal, este é o professor Samuel e hoje ele conversará com vocês durante uma hora sobre um tema que é muito importante que vocês discutam, se trata do preconceito contra homossexuais. Eu já tinha ouvido algumas piadas de vocês, algumas brincadeiras sobre gays que eu não gostei, então resolvi chamar o Samuel para conversar sobre isso. É importante que vocês respeitem a opção sexual das pessoas em geral. A gente tem que respeitar a escolha delas, é feio criticar alguém pela sua opção sexual.”

Já nessa apresentação, ouvi um comentário que não me agradou e era uma das principais ideias que eu gostaria de confrontar: a ideia de que as pessoas escolhem sua



sexualidade. Me perguntava como expor esse esclarecimento sem ofender a professora que pelo visto entendia esse assunto de maneira diferente de mim.

Quando a professora permitiu que eu falasse, eu disse para ela e para os alunos: “Sim, professora é importante respeitar quem as pessoas são, e no caso dos gays, eles não escolhem ser gays, eles agem como são desde que nasceram. Ser gay não é questão de escolha é questão de ser quem se é”. Eu me senti liberto de alguma maneira após explicar que ser gay não envolve uma escolha, pois provavelmente se alguém pudesse escolher ser gay, não o escolheria, já que ninguém conscientemente escolhe sofrer preconceito e desrespeito.

Em seguida, pedi para que os alunos se apresentassem um a um. Daquele momento em diante a professora se sentou entre os alunos e ficou observando.

Expliquei aos alunos que eles estavam livres para discutir a questão e tinham total liberdade de expor o que eles pensavam sobre o assunto. Assim como eles teriam o direito de serem ouvidos, eles também precisariam ouvir os demais colegas e professores. Nós usaríamos alguns jogos teatrais para mediar nossa discussão.

O primeiro jogo seria o “Teatro Imagem”, nós trabalharíamos quatro palavras através desse jogo: “homem”, “mulher”, “lésbica” e “gay” – esta última palavra identificaria os homossexuais do sexo masculino. Escrevi no quadro as palavras e expliquei aos alunos que em grupos de 5 ou seis pessoas, eles deveriam representar as palavras construindo uma imagem coletiva com o corpo sem falar nada e sem proferir nenhum som e depois iriam apresentar suas imagens, os grupos que assistiam as apresentações iriam tentar adivinhar o que representavam. Eles não entenderam muito bem o que eu pedi que fizessem, acho que esse tipo de performance também era novidade para eles, por isso fui a cada grupo individualmente, expliquei e tirei dúvidas.

Formaram três grupos, um dos grupos que era composto por cinco meninos não parecia estar muito disposto a construir as imagens das palavras. Um dos alunos disse, “nós só vamos fazer homens”, perguntei se ele não sabia como seria uma mulher, uma lésbica e um gay, mas ele respondeu, “eu sou homem, só vou fazer homem”. Perguntei se os demais integrantes do grupo concordavam, eles disseram que sim, que só iriam fazer a representação de homem. Respeitei a decisão daquele grupo.

Outro grupo parecia mais disposto a construir uma imagem de cada palavra, e me chamaram para mostrar o que eles tinham elaborado. Este grupo era constituído de meninos e meninas, e não me pareciam tão preocupados como o grupo anterior.

A professora comentou comigo que estava chateada que alguns alunos não queriam participar e só faziam papel de homem. Eu lhe disse que não teria problema e que o fato de não quererem representar “mulher”, “lésbica” e “gay” já revelava muito do que eles pensavam sobre essas classes de pessoas. Talvez isso poderia ser um sinal de misoginia, lesbofobia e homofobia.

Após alguns minutos pedi que os alunos apresentassem as suas imagens para que os demais colegas adivinhassem o que representavam. Os alunos do primeiro grupo a se apresentar ficaram de pé um do lado do outro e fizeram a posição de um fisiculturista mostrando os músculos.

“Homem, homem”, diziam os outros alunos tentando adivinhar. Eu perguntei ao grupo se era homem mesmo que eles tentaram representar. Disseram que sim.

Na segunda imagem, faziam como que uma pose de modelo jogando o cabelo para trás.

As opiniões divergiam, para alguns representava “gay”, e para outros seria “mulher”.

“Então é gay ou mulher?”, eu perguntei ao grupo.

“É mulher”, respondiam.

Na terceira imagem, duas moças do grupo deram as mãos.

“Lésbica, lésbica”, diziam os alunos que assistiam a performance.

E na quarta imagem, tentaram construir uma personagem que dobrava o punho de maneira bem leve e despreendida.

“Esse é uma bichona”, dizia o aluno certo de sua resposta.

Nesse momento eu perguntei, será que essa imagem poderia ser um homem, uma mulher, ou uma lésbica que machucou o punho e está tentando alongá-lo? Vocês acham que todo gay vai agir dessa maneira mesmo?

Alguns alunos comentaram que não concordavam, na verdade, poderia ser qualquer pessoa com um problema no punho e não necessariamente um gay.

O segundo grupo composto apenas de meninos fez apenas o papel de homens como eles haviam combinado comigo. Fizeram uma posição demonstrando a força dos braços e o tamanho dos bíceps. Sem demora, os alunos que assistiam identificaram aquela imagem como “homem”, o que estava correto. Como eles só se prepararam para representar a palavra “homem”, assim que fizeram a performance se sentaram, mais rápido que os outros grupos.

O terceiro grupo, decidiu construir em uma mesma imagem as quatro palavras. Um gay com o punho dobrado, em pose bem feminina com o quadril jogado para um dos lados, uma mulher hétero sexual assediada por outra mulher lésbica, no entanto a mulher hétero não parecia gostar da investida da lésbica fazendo um movimento de empurrar a lésbica com os braços e uma cara de nojo.

Depois de suas performances perguntei aos alunos se eles achavam que todo homem era assim tão forte como eles demonstravam, se toda mulher era bem feminina, delicada, e se todo gay tinha o punho quebrado e se toda lésbica dava em cima de mulheres que não se sentiam atraídas a elas.

Um dos alunos levantou a mão e disse que todos os gays que ele conhecia eram muito chatos. Faziam muito barulho na rua, e eram escandalosos. Outra aluna comentou que ser gay era horrível, que sentia nojo quando via uma mulher beijando a outra, e dois homens fazendo o mesmo. Outro aluno comentou que achava horrível que um homem quisesse se tornar mulher, que ele mesmo nunca vai querer se tornar mulher.

Eu perguntei aos outros alunos se eles concordavam que todo gay era escandaloso. Uma das alunas que parecia bem animada em dar sua opinião disse prontamente que não, que tinha vários amigos gays que não eram escandalosos. Disse também que tinha duas amigas que só por demonstrarem afeto ou andarem de mãos dadas já eram chamadas de lésbicas pelos outros alunos, o que ela não achava certo.

Uma hora de discussão passou muito rápido e nem tudo que eu havia planejado pode ser feito naquele dia. Para finalizar a discussão mostrei um vídeo para os alunos. O Vídeo mostrava um rapaz que interagira com várias outras pessoas, no entanto, as pessoas com quem ele interagira não podiam ser vistas, pois a câmera estava focada apenas no rosto do rapaz, no caso a personagem principal. No primeiro momento, ele parecia estar em um barco e conheceu uma pessoa que lhe deu seu telefone, essa pessoa não era vista, em

seguida, ele está em uma praia rodeado de amigos, ele e os amigos brincam e nadam, na próxima cena, ele parece estar com seu par romântico, o espectador pode pensar que se trata de sua namorada, pois a personagem principal é um rapaz. Ao final do vídeo, quando o rapaz pede seu par romântico em casamento o foco da imagem do vídeo, que até então só mostrava o rapaz, se abre e revela que seu par romântico é um outro rapaz.

A maioria dos alunos ficaram surpresos com o final do vídeo, talvez esperassem que a personagem principal, o rapaz, pedisse uma moça em casamento e não outro rapaz.

“Se o namorado dele não o quisesse, eu me casaria com ele”, comentou uma aluna, com tom de brincadeira.

“Eu, desde o começo do vídeo, percebi que era outro homem que ele namorava”, comentou um aluno.

Para finalizar a oficina, refleti com os alunos o seguinte:

“Vocês perceberam, o rapaz do vídeo era homossexual, mas parecia levar uma vida normal como qualquer outra pessoa hétera. Chorava, sorria, se divertia, amava e se casava”.

Alguns alunos pareciam concordam, mas outros pareciam que ainda estavam pensando sobre o assunto.

Me despedi dos alunos, agradei por terem participado e pelo convite da professora. Depois, ficou combinado de nos encontrarmos na próxima semana para continuar a oficina de gênero.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. *Narrative inquiry: experience and story in qualitative research*. San Francisco: Jossey Bass, 2000.

CONNELLY, F. M.; CLANDININ, D. J. *Narrative inquiry: complementary methods for research in education*. 3. ed. Washington: American Educational Research Association, 2004.

ELY, M.; VINZ, R.; ANZUL, M.; DOWNING, M. *On writing qualitative research: living by words*. London and Philadelphia: Routledge Falmer, 2001.

MOITA LOPES, L.P. *Identidades Fragmentadas*. Rio de Janeiro: Mercado de. Letras, 2002.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

BUTLER, Judith. *Undoing gender*. New York: Routledge, 2004

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

BRASIL/CONSELHO NACIONAL DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO. *Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual*. Brasília, Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL/MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Termo de Referência: Instruções para Apresentação e Seleção de Projetos de Capacitação/Formação de Profissionais da Educação Para a Cidadania e a Diversidade Sexual*. Brasília, Ministério da Educação, 2005.